

ENTRE DEUX TOURS / 1987

Uma alegoria

Único no seu género na filmografia de Rob Rombout, tão diferente das reportagens anteriores realizadas para o Canal Emploi como dos documentários que se seguirão, produzido e difundido no pequeno cenáculo da videoarte, de que adota a estética e os efeitos especiais, *Entre deux tours* não deixa de ser, paradoxalmente, uma obra fundadora na qual o seu autor pratica gestos artísticos em rutura com a prática mais comum do filme documentário, tanto a do cinema direto como a da reportagem televisiva, e que se tornarão primordiais nos seus filmes posteriores. Antes de os examinar, convém dizer de que se fala.



Duas torres, portanto. A primeira situa-se na Bélgica, perto da pequena aldeia de Eben, na entidade administrativa de Eben-Emael. Um canteiro da região, Robert Garcet, meteu ombros à construção de uma torre com as suas próprias mãos, usando como material as concreções de sílex rejeitadas pelas pedreiras onde trabalhava. Apaixonado pela mitologia bíblica, pela paleontologia, pela geologia e pela pré-história, mas também pelo esoterismo que alimentava a sua imaginação fértil, inspira-se na torre mítica de Babel, que deveria ligar o mundo terrestre e o mundo divino. Dá o nome de Eben-Ezer ao lugar onde edifica a sua, adotando o nome de outro lugar bíblico situado em Israel, onde o profeta Samuel teria erguido uma pedra comemorativa no local de uma batalha entre israelitas e filisteus e lhe teria dado o nome de Eben-Ezer, que significa «pedra do socorro». O misticismo bíblico de Garcet e o seu gosto pelos símbolos anagógicos convencem-no da existência de uma ligação subterrânea entre as duas Eben-Ezer. Demonstra-o com a ajuda de um mapa no qual traçou dois quadriláteros iguais que se tocam precisamente na ilha de Patmos, onde São João teve a visão do Apocalipse, e dos quais um dos ângulos se situa a igual distância de cada Eben-Ezer [\[QR1\]](#).

No cimo da torre, Garcet esculpe em betão quatro figuras aladas, um leão, um touro, uma águia e um anjo, a que ele chama «querubins» e que se inspiram numa visão do profeta Ezequiel na qual os exegetas cristãos reconhecerão os símbolos dos quatro evangelistas. Como Babel, Eben-Ezer liga o mundo geológico (o sílex) e o mundo aéreo (as asas). Os diferentes andares da torre são igualmente ornados de



esculturas monumentais em alto-relevo, bem como de documentos diversos, fotografias, mapas, textos e fósseis descobertos nas pedreiras onde Garcet trabalha. A sua erudição meio sábia, meio fantasista leva-o a fazer descobertas arqueológicas e paleontológicas notáveis, como dois mosassauros, répteis marinhos gigantes surgidos há mais de cem milhões de anos. Mas também sílex pretensamente esculpidos no final da era Secundária, não hesitando Garcet em fazer remontar o aparecimento do homem à era dos dinossauros. Autor de cerca de vinte obras pseudocientíficas e romanescas publicadas em edição de autor, é também um «louco literário» que poderia ter figurado na antologia que lhes consagrou André Blavier (o qual se limita a citá-lo). Garcet é, por fim, um pacifista convicto, que defende a objeção de consciência numa época em que esta é ainda um delito. Está persuadido de que o ano de 1964, data em que decidiu que a torre devia estar concluída, é o

início de um novo milénio no fim do qual a guerra deixaria de existir na Terra. A extraordinária personalidade de Robert Garcet poderia ter sido objeto de uma longa-metragem documental. Mas não foi essa a escolha de Rob Rombout, que não queria fazer um filme sobre alguém que o espectador depressa qualificaria de bizarro ou de estranho. Queria, pelo contrário, integrá-lo numa normalidade de onde a sua diferença e a sua riqueza emergissem progressivamente. Precisava, pois, de um segundo plano, de um fundo sobre o qual a figura excecional de Garcet se pudesse destacar.

O cineasta associa à torre de Eben-Ezer uma segunda torre, situada a cerca de cinquenta quilómetros da primeira, em Brunssum, no Limburgo holandês. Construída em betão, encima um antigo poço de mina, de que abrigava a gaiola do elevador. A mina de carvão foi adquirida pela NATO em 1967. A organização instalou ali uma base militar e fixou as suas antenas no cimo da torre. Vinte anos mais tarde, na altura da rodagem, a Guerra Fria ainda não acabou e a Cortina de Ferro continua a dividir a Europa em dois blocos, o que Rombout recorda com um mapa no qual traçou dois quadriláteros semelhantes aos de Garcet. Na torre está afixado um brasão de estilo medieval, ornado com uma torre atravessada por uma espada. O porta-voz da base explica que a torre é o emblema da cidade de Aquisgrão, capital do império de Carlos Magno, e que o gládio simboliza a vontade de defesa da Aliança. A divisa em latim inscrita no contorno significa: «Combato a mentira e purgo todos os vestígios do mal.» Um discurso marcial em tudo oposto ao pacifismo de Robert Garcet [QR1].

Primeiro gesto artístico decisivo: Rombout propõe-se construir o seu objeto. Ao passo que documentaristas reputados como Leacock, Wiseman ou Philibert se apoderam de um objeto real para o descrever, analisar e compreender, Rombout consagra o seu vídeo a algo que não existe na realidade: duas torres que nada têm a ver uma com a outra e cujos fundadores ignoravam até a existência um do outro. A estrutura dual da fita,



que produz esta alegoria um pouco simplista da guerra e da paz, cria sobretudo um espaço intermédio, menos geográfico do que plástico e poético, no qual Rombout vai inscrever as suas próprias preocupações, explorando as possibilidades visuais da linguagem vídeo.

Filma cada torre à mesma distância, desenquadrando-as, uma para a esquerda, a outra para a direita, e depois reúne-as numa imagem única por uma simples cortina eletrónica. A imagem assim recomposta cria um espaço abstrato no qual as duas torres se correspondem e fazem sentido. Do mesmo modo, coloca frente a frente o

porta-voz da NATO e Robert Garcet, a quem pediu que subissem para umas caixas para ficarem à mesma altura, e ilumina-os com lâmpadas que, na montagem, surgirão como os faróis de um automóvel, deixando supor que estão no mesmo espaço [QR2].



Segundo gesto artístico: a mise en scène do real. Para equilibrar visualmente as duas torres, era preciso tornar a base militar de Brunssum mais estranha do que era. Rombout utiliza máquinas de fumo que envolvem a base numa nuvem inquietante. Na paisagem campestre que separa a Bélgica dos Países Baixos, faz seguir um automóvel branco por um caminho poeirento. A bordo, uma mulher. À beira da estrada, uma águia. «Palavra dos ventos, discurso das areias. Sou uma sentinela de pedra», diz uma voz feminina cujo tom poético contrasta com o discurso dos dois homens. E acrescenta: «Lembro-me.» A sua frase introduz imagens de arquivo da Segunda Guerra Mundial e depois da guerra do Vietname. No momento em que o automóvel atravessa a fronteira belgo-holandesa, ela fala de Babel, «porta do deus El, passagem da terra ao céu, passagem do limite, da fronteira», fazendo eco ao discurso de Garcet. A viagem no espaço é também viagem no tempo, do passado (a guerra) para o futuro que Eben-Ezer representa segundo Garcet. Chegada ao destino, a mulher metamorfoseia-se em estátua de pedra, sobre a qual a águia vem pousar como os querubins sobre a torre em segundo plano.

Terceiro gesto artístico: a escolha da beleza. Beleza natural das paisagens de horizonte baixo sob um grande céu brumoso ou da cabeça de uma águia em grande plano. Beleza criada por uma linguagem plástica que associa as figuras clássicas da escrita cinematográfica (contrapicados, profundidade de campo, câmara lenta, grande plano) às novas possibilidades da imagem eletrônica. Um efeito vídeo sobrepõe a cabeça da águia em grande plano ao rosto da mulher, olhos nos olhos, criando um ser híbrido, belo e monstruoso como uma quimera [QR2].



Quarto gesto artístico: a dimensão simbólica. A águia que uma simples panorâmica faz entrar no plano do automóvel que segue em direção à fronteira não constitui apenas uma bela imagem, de composição tão audaciosa quanto estranha. Associada à mulher que viaja de uma torre à outra, ela é portadora de um sentido, decerto hermético, diretamente inspirado nas visões fabulosas de Garcet e nos querubins que se erguem no cimo da sua torre. Nas civilizações antigas, a águia é o emblema do Sol, para o qual levanta voo, ligando a Terra ao mundo divino. É também o símbolo de São João, a quem é erradamente atribuída a autoria do livro do Apocalipse. Quando, ao cair da noite, a águia vem pousar, em câmara lenta, no ombro da mulher transformada em estátua de pedra, entra em ressonância com os querubins alados da torre de Eben-Ezer que se avista em segundo plano. Todos estes efeitos videográficos criam imagens novas que prolongam a simbólica do discurso místico e esotérico de Garcet.

Obra charneira na carreira de Rob Rombout, *Entre deux tours* abandona o território da reportagem social para explorar os caminhos mais formais da videoarte. Desta experiência efêmera nascerá uma reflexão sobre o estilo que ele forjará e afinará pouco a pouco para cada um dos seus filmes. Renunciando aos efeitos especiais do vídeo, conservará no entanto certas escolhas decisivas: construir o seu objeto, encenar o real, filmar a beleza natural das coisas e criar formas plásticas portadoras de sentido.



COMENTÁRIOS

❑ A ideia era realizar um filme duplo, com, de um lado, a torre de Eben-Emael (Bélgica) com Robert Garcet, que a concebeu, e, do outro, uma torre da NATO, uma base militar, na Holanda, com o porta-voz Ed Frieser. As duas torres estão a cinquenta quilómetros de distância uma da outra. Duas torres, dois representantes, duas línguas e, entre eles, uma mulher, vietnamita.

❑ Filmei cada uma das personagens separadamente, uma após a outra. Encenei-as, tornei a base militar um pouco misteriosa, com máquinas de fumo. Tudo foi muito construído, muito artificial, sem nada de espontâneo. Uma mistura de elementos de onde nasce um clima intrigante, irritante.

Montei depois juntos, num único plano, os dois homens, os dois universos. Era possível, uma vez que o vídeo permite dividir um plano em dois. Para que Robert Garcet pudesse

«fazer face», respeitando as proporções, ao porta-voz da base, tivemos de o obrigar a trepar para cima de caixas, apesar das suas vertigens. Convidei para a estreia, em Liège, estes dois homens que nunca se tinham encontrado, Garcet, para quem a NATO é uma máquina de guerra, e o porta-voz Ed Frieser, que considerava Garcet um pacifista. Sentiam-se bastante constrangidos. Dois universos opostos. Duas personagens um pouco bizarras.

❑ O vídeo foi produzido para o programa Vidéographie da RTBF.

FICHA TÉCNICA

Argumento e realização: Rob Rombout.
Interpretação: Jessie Elmido, Robert Garcet, E.C.W. Frieser e a água Sirca.
Direção de fotografia: Kommer Kleijn.
Assistente de câmara: Chris Renson.
Captação de som e misturas: Fabio Lani.
Eletricista: Wolfgang Paquay.
Maquinista: Albert Roemers.
Anotadora e assistente: Nadia Curto.
Montagem: Adriana Moreira de Oliveira.
Conformação: Christian Maton.
Caracterização: Theresia Vanderbenden.
Pesquisa de arquivos: Bénédicte Schmitt.
Chefe de produção: Francis Luchen.
Texto do monólogo: Christian Janssens.
Voz: Trinh Le Thu.
Música: Excuse My French.
Títulos: P. Dans.
Produtor executivo: Dany Trossat.
Coprodução: RTBF / programa «Lumière bleue» – Wallonie Image Production – Gsara – Image vidéo – Rob Rombout.
Suporte: Vídeo ¾" BVU. Cor e preto e branco.
Duração: 16 minutos.





